

# Carlos Drummond de Andrade – A hora do cansaço

As coisas que amamos,  
as pessoas que amamos  
são eternas até certo ponto.  
Duram o infinito variável  
no limite de nosso poder  
de respirar a eternidade.

Pensá-las é pensar que não acabam nunca,  
dar-lhes moldura de granito.  
De outra matéria se tornam, absoluta,  
numa outra (maior) realidade.

Começam a esmaecer quando nos cansamos,  
e todos nos cansamos, por um ou outro itinerário,  
de aspirar a resina do eterno.  
Já não pretendemos que sejam imperecíveis.  
Restituímos cada ser e coisa à condição precária,  
rebaixamos o amor ao estado de utilidade.

Do sonho de eterno fica esse gosto acre  
na boca ou na mente, sei lá, talvez no ar.

**Carlos Drummond de Andrade, Corpo**